

Investigação não é tão complicada como se julga

Dez alunos do ensino secundário participam esta semana num programa organizado pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

■ Alunos do ensino secundário são "cientistas" do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, numa iniciativa em que participam para ver como se faz ciência, mas também para fazer amigos e tomar contacto com o meio universitário.

O propósito não é fazer uma aprendizagem para a investigação, nem formar jovens cientistas, mas apenas divulgar a ciência a públicos que a não exercitam e mostrar que ela não é uma coisa tão complicada como se julga.

São dez os estudantes do secundário que esta semana, de segunda a sexta-feira, participam num programa organizado pelo CES em conjunto com a Ciência Viva - Agência Nacional para a Cultura Científica.

Vieram de Pinhal Novo, em Palmela, de Arganil, da Benedita, Leiria, e também de Coimbra, para cumprir um progra-

ma de "investigação". Ao chegar ao Centro de Estudos Sociais, uma unidade de investigação dirigida pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos, começam por conhecer como se faz investigação, quem a faz, e em que áreas, e a surpresa é imediata, por abarcar domínios tão diversos e até impensáveis.

Depois apreendem metodologias básicas de investigação e preparam a pesquisa de campo, que realizam durante um dia, ocupando-se, de seguida, da elaboração do trabalho de seminário que apresentarão sexta-feira perante investigadores, pais e amigos.

Para este ano, o terceiro consecutivo em que o CES proporciona estágios de Verão, foram preparados três temas de investigação: "Tiro de partida" (sobre as práticas de violência em Portugal e a problemática do uso de armas de fogo), "O

Diferencial digital na utilização da Internet" (sobre utilizadores e utilização da Internet) e "Olhares possíveis: os diferentes usos da imagem nas sociedades contemporâneas".

Os 10 jovens, distribuídos por três grupos, em função das suas preferências, são orientados por investigadores - não apenas portugueses, mas também um italiano e brasileiros - no desenvolvimento dos trabalhos e nos passos da investigação.

"Observar a justiça"

Há um ano, num painel intitulado "Observar a justiça", foram a tribunais, assistiram a julgamentos, viram como a Polícia Judiciária investiga e contactaram com detidos no Estabelecimento Prisional de Coimbra. Este ano vão a um centro de acolhimento de jovens delinquentes, fazem inquéritos e entrevistas em espaços públicos de utilização da Internet e recolhem

impressões de agentes e especialistas em segurança pública.

Apesar de o objectivo ser o de mostrar como se faz ciência a partir do centro de produção, vai-se tecendo uma "rede" como aquela que se desenvolve entre os investigadores. Alguns destes alunos têm passado a frequentar a biblioteca do CES ou têm contactado a pedir orientação para um trabalho que pretendem desenvolver nas escolas, revelaram à agência Lusa os investigadores António Fariñas Rodrigues e Marta Araújo, da coordenação dos estágios.

Para os jovens, esta semana é uma oportunidade para criar redes de contactos e afectos com investigadores e parceiros de estágio e viver experiências que transcendem os objectivos do programa, que é saber como são as relações do ambiente universitário que irão frequentar daí a dois anos e a sensação de viver fora de casa dos pais. |

"Experiência marcante" motivou opção por Direito

Sofia Cavadas, de 16 anos, veio do Externato Cooperativo da Benedita, concelho de Alcobaca, pela segunda vez, agora para investigar no painel "Olhares Possíveis".

É a única "reincidente", porque há um ano teve uma "experiência marcante" ao frequentar "Observar a justiça", que lhe deu certezas sobre o acerto da decisão de ingressar na Faculdade de Direito de Coimbra.

Soube do programa através de uma madrinha que é docente na Faculdade de Farmácia e este ano "arrastou" para este estágio duas amigas de Leiria e dois amigos de Arganil.

Sofia confessou à agência Lusa que talvez volte para o ano. Gostou do acolhimento dos investigadores do CES, do espírito que aí vivenciou e gostaria de um dia poder ser também investigadora desse centro, embora anseie ser juíza.

A Cristiana Ribeiro foi a que veio de mais longe, de Pinhal Novo, concelho de Palmela. Tem 17 anos e teria gostado de participar em 2007, mas atrasou-se na inscrição. Uma amiga participante nessa altura reforçou a vontade de não deixar fugir a oportunidade deste ano.

Frequenta o painel "Tiro de Partida", por ser «um tema de grande importância para qualquer cidadão», e admite que este poderá vir a ser desenvolvido por si na área-projecto do 12.º ano, que irá frequentar.